



# ESHOJE

# 25

ANOS DE  
ESPÍRITO  
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000  
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 21 de julho de 2025 » Ano XXV » N° 1146  
Edição Gratuita Diário » [www.eshoje.com.br](http://www.eshoje.com.br)

 /eshoje

 @eshoje

 eshoje

 eshoje

## ECONOMIA

Casos de  
dengue  
diminuem » 4

DIVULGAÇÃO



## ARTIGO

Território  
como motor  
da arte » 2

ESHOJE



## CULTURA

Curadoria  
de Ananda  
Carvalho » 5

DIVULGAÇÃO



# Mais de 30 mulheres mortas, maioria por feminicídio

O Observatório da Segurança Pública capixaba mostra que 13.880 mulheres são vítimas da violência doméstica » 3

DIVULGAÇÃO



GIULIANO DE MIRANDA

# Arte sem fronteiras

A arte, enquanto manifestação sensível do humano, jamais se prestou a contenções geográficas. Ainda que, por vezes, o território sirva como motor poético ou lente de observação, é na errância — no gesto que transgride os marcos do pertencimento — que a criação se atualiza e adquire potência.

No Espírito Santo, estado brasileiro frequentemente subtraído das narrativas nacionais, essa questão assume contornos particularmente complexos. Existe, por parte de certos setores do debate público e cultural, uma insistente preocupação com a origem dos artistas que atuam na cena local: são ou não “capixabas”? A partir daí, instaura-se uma lógica de valoração que, em vez de expandir, reduz o campo da arte a uma espécie de cartografia identitária rígida, onde o “de fora” é visto com desconfiança e o “de dentro” é automaticamente associado à legitimidade.

Esse tipo de pensamento, porém, revela-se anacrônico diante da tessitura própria da arte contemporânea, marcada por deslocamentos, hibridismos e contaminações mútuas. Reduzir o valor de uma produção estética ao lugar de nascimento de quem a realiza é agir contra a própria natureza da arte, que é relação, alte-

ridade e experiência. O Espírito Santo, como qualquer território cultural vivo, não pode — e não deve — ser um enclave. Ao contrário, sua força está justamente na capacidade de acolher o outro, de abrir-se ao inesperado, de permitir que diferentes vozes ressoem e se entrelacem, compondo um tecido artístico múltiplo e em constante reinvenção.

A presença de artistas que não nasceram no Espírito Santo, mas nele atuam com vigor, é uma realidade que há muito transforma a cena local. Seja por meio de exposições, residências artísticas, ações educativas, projetos coletivos ou inserções no espaço público, essas presenças contribuem de maneira decisiva para a renovação das linguagens, para a complexificação dos discursos e para o tensionamento das estruturas institucionais. Tais agentes não apenas trazem repertórios distintos, mas também provocam deslocamentos epistemoló-

gicos, questionam verdades sedimentadas e reconfiguram as formas de ver e sentir o mundo.

Importa destacar que essa contribuição não se limita ao campo formal da obra. Está também — e talvez principalmente — na maneira como essas presenças movimentam os contextos onde se inserem. Ao se engajarem em práticas colaborativas, ao se implicarem nas lutas e questões locais, ao se deixarem afetar pelas especificidades do território capixaba, esses artistas operam aquilo que se poderia chamar de um pertencimento insurgente, não dado pela origem, mas construído no exercício cotidiano da escuta, da partilha e do fazer comum. A noção de pertencimento, assim compreendida, deixa de ser um dado fixo e passa a ser processo: algo que se constrói no contato, na fricção, no risco de se deixar transformar pelo outro.

É sintomático que, em contextos culturais marcados por apaga-

mentos históricos — como é o caso do Espírito Santo —, surja com força a necessidade de afirmar uma identidade local. Tal gesto é compreensível, e até necessário, sobretudo frente à recorrente marginalização das vozes e produções capixabas nos circuitos nacionais. Entretanto, quando esse movimento identitário se converte em fechamento, quando se transforma em política de exclusão velada, perde seu sentido originário e se volta contra si mesmo. O que poderia ser celebração da diferença torna-se, paradoxalmente, reprodução de uma lógica conservadora e excludente.

É preciso, portanto, distinguir entre a valorização da produção local — legítima e necessária — e o enrijecimento territorial que impõe fronteiras simbólicas ao exercício da criação. O artista não é uma função do mapa. Seu campo de atuação não se restringe à latitude de sua certidão de nascimento. A obra de arte, ao contrá-

rio, é território em si: lugar onde se constroem outros modos de habitar o mundo, outras formas de narrar a experiência humana. Quando artistas vindos de outros estados escolhem viver, criar e se engajar no Espírito Santo, não estão “invadindo” um espaço. Estão, ao contrário, contribuindo para torná-lo mais plural, mais complexo e, portanto, mais vivo.

Do ponto de vista do público, esse trânsito também é essencial. Ter contato com obras que trazem outras inflexões, outras matrizes culturais, outros vocabulários visuais, é condição fundamental para a formação de um olhar crítico e ampliado. A cena capixaba, ao acolher esses atravessamentos, capacita-se para dialogar com os grandes debates da arte contemporânea global, sem, com isso, perder sua singularidade.

Afinal, a arte, quando verdadeira, não reconhece cercas. Ela as atravessa.

## Seja no impresso ou no digital

Aqui é o lugar para realizar a sua publicação legal, com o melhor preço e atendimento do mercado.



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

**TIRAGEM:** Publicação digital e impressa  
**CIRCULAÇÃO:** Grande Vitória e digital  
**PERIODICIDADE:** Semanal

Rua Carlos Lindenberg, 40.  
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110  
Tel. 27 2180-0678  
www.eshoje.com.br  
redacao@eshoje.com.br

**DIRETOR GERAL**  
Carlos Roberto Coutinho  
carlos@eshoje.com.br

**DIRETORA ADMINISTRATIVA**  
Bianca Coutinho  
bianca@eshoje.com.br

**DIRETORA DE REDAÇÃO**  
Daniele Coutinho - MTB/ES 2694-JP  
danielcouthinho@eshoje.com.br

**PROJETO GRÁFICO**  
Renon Pena de Sá  
www.ellaform.com.br

**FOTOGRAFIAS**  
Arquivo  
redacao@eshoje.com.br

**DIAGRAMAÇÃO**  
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

**REDAÇÃO**  
Andressa Mota  
Carolina Boueri  
Esthefany Mesquita  
Giulia Reis  
João Otávio Carvalho  
Mariana Cicilioti  
Thauane Lima  
Thierry Khalil

**SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:**

/eshoje  
 @eshoje  
 eshoje  
 eshoje

# 2025: violência contra mulher matou 13,8 mil

Lei Maria da Penha está prestes a completar 19 anos, atuando para mitigar número de casos

**Andressa Mota**  
jornalismo@eshoje.com.br

O primeiro semestre de 2025 fechou, no Espírito Santo com a marca de 17 feminicídios – em um universo de 35 mortes de mulheres e um total de 395 homicídios. Sabe-se que morrer nem sempre é perder a vida. Isto é, quem vive sob a dor da violência morre aos poucos, diante da convivência com a agressão.

O Observatório da Segurança Pública capixaba mostra que 13.880 mulheres são vítimas da violência doméstica com 5890 casos apenas da região metropolitana. A capital do estado registrou 926 casos neste primeiro semestre. Esse número é alto, mas não é o pior. O município da Serra, por exemplo, teve 1.673 casos, Vila Velha 1.318, Cariacica 1219. Guarapari aparece em penúltimo lugar com 462 casos, Viana com 232 e Fundão com 60 casos.

Essa primeira metade do ano registrou, a cada hora, 3,2 casos de mulheres vítimas de agressões físicas, psicológicas, sexuais ou morais.

De acordo com a advogada criminalista Lara Bahim, apesar da visibilidade de campanhas e lutas para combater a violência, não significa que há uma redução nos índices. “O

que vemos, na prática, é um aumento de denúncias, o que por si só é positivo, mas existe uma persistência estrutural da violência”, ressaltou.

A criminalista acredita que esse problema tem raízes profundas. “Vivemos em uma sociedade patriarcal que ainda normaliza o controle, a dominação e a agressão contra mulheres, especialmente no espaço doméstico. Falta educação de base, políticas públicas de prevenção e responsabilização efetiva. Dar visibilidade sem transformar a realidade é, no fundo, manter o ciclo funcionando sob novos holofotes”, disse a especialista.

O crime de violência doméstica não se limita à agressão física. A Lei Maria da Penha, um marco brasileiro no combate a esse mal, reconhece violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral – o que foi um grande avanço jurídico.

Para a advogada, o problema é que, muitas vezes, essas violências se sobrepõem e são naturalizadas pelas instituições, o que desestimula a denúncia. “A vítima pode buscar ajuda em Delegacias da Mulher, ligar para o 180, procurar centros de referência ou defensorias públicas. Mas é preciso dizer: o acesso à rede de proteção ainda é precário, especialmente fora dos grandes centros. Muitas mulheres continuam desamparadas justamente quando mais precisam do Estado”, afirmou.

Muito se fala a respeito de políticas públicas no combate as violências, e em outras áreas. Mas para a advogada, essas políticas públicas são, em geral, relativas e insuficientes. “Temos alguns programas de acolhimento, casas-abrigo, patrulhas especializadas – mas são iniciativas pontuais, mal financiadas e frequentemente descontinuadas. A lógica é de emergência, e não de transformação”, disse.

A especialista elenca uma série de situações que mantêm a violência contra a mulher nesse nível que vemos. “Falta investimento em educação de gênero nas escolas, capacitação séria dos agentes públicos e uma atuação coordenada entre saúde, assistência social, justiça e segurança pública. Enquanto o Estado seguir tratando a violência doméstica como um problema individual – e não estrutural –, o sistema continuará sendo um fracasso institucional em proteger mulheres”, destacou.



REPRODUÇÃO DA INTERNET

Observatório da Segurança aponta, de janeiro a junho, 13.800 casos de violência de gênero no ES

## Lei Maria da Penha

A Lei Maria da Penha está prestes a completar 19 anos de existência. Se olharmos para trás, veremos que antes do “nascimento” dessa lei, as agressões eram vistas em sua maioria com normalidade e que matar a esposa já foi “defesa da honra”.

“A Lei Maria da Penha é, sem dúvida, um marco histórico no enfrentamento à violência contra a mulher. Foi reconhecida internacionalmente como uma das legislações mais avançadas no tema. No entanto, uma lei não basta quando não é efetivada com estrutura, recursos e vontade política. Ainda hoje, faltam delegacias especializadas, juizados exclusivos, profissionais capacitados, fiscalização das

medidas protetivas e acolhimento digno às vítimas”, disse.

A Lei Maria da Penha prevê uma série de medidas protetivas de urgência que podem ser concedidas pelo juiz em até 48 horas, a partir do pedido da vítima ou da autoridade policial.

**“A Lei Maria da Penha é, sem dúvida, um marco histórico no enfrentamento à violência contra a mulher”**

“As principais incluem: afastamento do agressor do lar, proibição de contato com a vítima e seus familiares, proibição de frequentar determinados locais, suspensão de posse ou restrição de porte de armas, entre outras. A vítima pode, ainda, ter acesso prioritário à rede de serviços públicos, como mudança de endereço e inserção em programas de proteção”, enfatizou.

Mas na prática, muitas vezes essas medidas demoram a ser efetivadas ou são descumpridas sem consequências reais. “É preciso garantir fiscalização, monitoramento eletrônico e, acima de tudo, responsabilização rápida do agressor”, disse.



WANEZZA SOARES

**“Vemos um aumento de denúncias, mas existe uma persistência estrutural da violência”**

Lara Bahim, criminalista

# Quase 23 mil casos de dengue registradas no ES

O Brasil tem queda de 78% nos casos de dengue em relação a 2024, mas alerta continua

ESTHEFANY MESQUITA  
jornalismo@eshoje.com.br

**N**os primeiros seis meses de 2025, o Brasil registrou uma queda de 78% nos casos de dengue em relação ao mesmo período do ano passado. Até junho de 2025, foram 1,2 milhão de casos confirmados contra 5,6 milhões nos primeiros seis meses de 2024.

Em todo o Espírito Santo, segundo o boletim da Secretaria de Estado da Saúde (Sesa), foram confirmados 22.999 casos e outros seis mil estão sendo investigados. Uma pessoa morreu na cidade de Anchieta, litoral sul capixaba. Apesar dos altos números, o ES segue a média nacional com quedas identificadas a partir da última semana de abril.

Segundo especialistas, a redução é um reflexo do aumento de pessoas já contaminadas pelo vírus do ano passado, o que faz com que haja mais anticorpos na população, e portanto, menos contaminações e menos casos este ano.

"Então, não tinha mais gente para ter dengue pelo sorotipo 2, é o esgotamento dos suscetíveis", afirma Kleber Luz, professor do Instituto de Medicina Tropical da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e parte do comitê de dengue da SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia).

O ano de 2024 registrou um recorde histórico de casos e mortes pela doença no Brasil. O número de mortes confirmadas por dengue superou a soma de óbitos nos oito anos anteriores: com mais de 5,9 milhões de casos confirmados e um total de 6.297 mortes, segundo o painel de monitoramento de arboviroses do Ministério da Saúde. No Espírito Santo foram 128.943 e 42 mortes.

Justamente por ter sido um

## NÚMEROS

**1,2 mi**

de casos de dengue foram registrados esse ano

**5,6 mi**

foram registrados no primeiro semestre de 2024

**1 morte**

em 2025, em Anchieta



REPRODUÇÃO

Acompanhando o movimento nacional, o Espírito Santo registra queda de casos em relação ao mesmo período do ano passado

período tão atípico, Luz afirma que 2024 não deve ser usado de referência para análises futuras, e reforça que em 2025, apesar da diminuição, os casos continuam sendo motivo de alarme.

Este ano, já foram confirmadas 1.437 mortes pela doença e o coeficiente de incidência do Brasil chega a 695,8 por 100 mil habitantes. Quando esse valor atinge ou ultrapassa 300, a re-

gião é considerada epidêmica pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

O número de casos deste ano é puxado pela região Sudeste, que concentra 69,5% dos casos

prováveis, conforme o painel de monitoramento. O estado de São Paulo registra o maior coeficiente de incidência do Brasil até junho (1.840,1), seguido de Goiás (1.146,8) e do Acre (1.024,7).

## 2023 foi recorde com 98 mortes

**A REGIÃO** Sudeste começou a registrar números mais expressivos de dengue desde 2023, o que médicos creditam ao aumento de temperatura, que favorece a expansão do *Aedes aegypti* para outras regiões, como o Sul do Brasil. Em todo território capixaba, no ano de 2023 foram mais de 191 mil casos e 98 mortes.

Com a redução de casos em 2025 em relação a 2024, o ano volta a ter números mais semelhantes a 2023, que registrou 1.203.340 casos confirmados até junho.

Segundo Isabella Ballalai, diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações (SbIm), se por um lado o vírus este ano encontrou uma população naturalmente imunizada em 2025, por outro, a dengue é uma doença com quatro sorotipos, e, portanto, é possível tê-la mais de uma vez.

"E, principalmente, quando você teve a primeira infecção, a segunda pode ser mais grave, e is-



REPRODUÇÃO DA INTERNET

Em 2023 o estado capixaba alcançou a marca de 191 mil casos

so normalmente acontece com outro sorotipo da dengue. A chance desse segundo quadro ser grave é muito maior", afirma.

Desde 2014, os tipos 1 e 2 se alternam como os mais prevalentes. Mas, a partir de 2024, o res-

surgimento do tipo 3 passou a preocupar especialistas em saúde pública, que passaram a temer que, este ano, os casos saíssem do controle. Mas não foi o que aconteceu até então.

Em fevereiro, a Opas (Organiza-

ção Pan-Americana da Saúde) emitiu um alerta epidemiológico sobre o aumento do risco de surtos de dengue nas Américas devido à crescente circulação do sorotipo 3.

No Brasil, o tipo 3 reapareceu em 2023. Na época, a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) afirmou que o país não registrava epidemias da doença provocadas por essa cepa há mais de 15 anos, e circulou também em 2024.

A dengue grave ocorre com mais frequência em pessoas que já tiveram a doença e são infectadas novamente por outro sorotipo. O subtipo 3 também foi identificado na Colômbia, Costa Rica, Guatemala, México e Peru.

"O tipo 3 não superou o tipo 2, ele não aumentou tanto quanto poderia ter aumentado. Fica a dúvida para o ano que vem. Mas se a dengue 3 voltar a circular, vai ser um ano muito pior", diz Ballalai.

# Exposições e experiências

Curadoria, para Ananda Carvalho, não se limita à escolha de obras, mas desafiar saberes

REDAÇÃO MULTIMÍDIA  
jornalismo@eshoje.com.br

**N**as interseções entre arte contemporânea, curadoria e educação, a atuação de Ananda Carvalho tem sido fundamental para pensar as exposições como experiências críticas e investigativas. Professora na Universidade Federal do Espírito Santo, Ananda desenvolve pesquisas que exploram as potências das práticas curatoriais como forma de conhecimento e como campo expandido de criação artística. Sua trajetória combina produção acadêmica consistente com uma prática curatorial pulsante, tanto dentro quanto fora da universidade.

Com formação sólida em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e pós-doutoramento em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense, sua abordagem investiga os modos como as narrativas visuais são construídas nos espaços expositivos e como essas narrativas dialogam com questões históricas, políticas e sociais. A curadoria, para ela, não se limita à escolha de obras, mas se estabelece como dispositivo crítico que organiza sentidos, desafia consensos e mobiliza saberes.

Ananda coordenou duas importantes galerias universitárias — a Gaeu e a GAP — e está à frente da Plataforma de Curadoria, um espaço de articulação entre ensino, pesquisa e extensão na UFES, que vem consolidando práticas experimentais e colaborativas no campo das exposições. Suas curadorias transitam entre instituições públicas, galerias comerciais e espaços independentes, sempre apostando no diálogo com artistas, estudantes e comunidades diversas.

Nesta entrevista, Ananda compartilha os caminhos que a levaram a esse território híbrido entre arte e educação, comenta o papel das universidades na formação curatorial, e reflete sobre os desafios e possibilidades da curadoria hoje no Brasil.

**ES Hoje: Como sua formação acadêmica e prática curatorial influenciam sua atuação?**

**Ananda Carvalho:** Em minha trajetória a pesquisa e a troca de conhecimento são procedimentos que conectam as atividades acadêmicas com as atividades realizadas no circuito da arte contemporânea. Após a finalização do mestrado, a partir de 2009, começo a minha atuação profissional como curadora por meio de acompanhamento de processos artísticos, elaboração de textos críticos e proposições de exposições. Os desejos de consolidar a minha atuação como curadora e de continuar minha pesquisa acadêmica me levaram à realização do doutorado. Na tese, mapeei processos de criação recorrentes entre curadores de exposições de arte contemporânea.

**Em suas curadorias, você aborda temas como práticas decoloniais, curadoria colaborativa e arte engajada...**

Eu compreendo que a curadoria acontece por meio da escuta dos artistas e proposição de encontros entre artistas e públicos. Ou seja, o trabalho da curadoria de alguma forma sempre deveria ser colaborativo, numa perspectiva de pensar junto. Em 2017, organizei uma curadoria de performances chamada Instauração no Sesc Belenzinho em São Paulo. A proposta consistia em ações que aconteciam pelos espaços de fluxos de pessoas ou convivência do centro cultural. A ideia era que alguém que não necessariamente tinha intenção de visitar uma exposição, de repente encontrasse uma performance. Os trabalhos debatiam questões de gênero, as visibilidades dos corpos, os modos de ver, as multiplicidades de fala, os modos de produção capitalista, as migrações e as situações dos refugiados. Agora trazendo um exemplo realizado em Vitória, em 2024, propus uma curadoria colaborativa na Galeria de Arte Espaço Universitário para a comemoração dos 70 anos da Ufes.



Ananda coordenou importantes galerias universitárias — Gaeu e GAP — e comanda Plataforma de Curadoria

'Olhares além do tempo' teve equipe curatorial que incluiu todas as pessoas que trabalhavam na época na galeria: servidores, colaboradores, estagiárias e bolsistas somando 15 pessoas. A exposição apresenta obras de artistas professores do Acervo de Artes Visuais da Ufes, elaborando múltiplas memórias através das conexões afetivas, ao mesmo tempo individuais e coletivas, com o acervo.

**Como docente da UFES, que desafios e potenciais você identifica na formação de jovens artistas, curadores e críticos de arte no Espírito Santo?**

A Universidade é um espaço para as pessoas experimentarem e iniciarem a construção da sua trajetória artística. Eu costumo dizer para os estudantes aproveitarem que é um espaço único em que você pode realizar atividades diversas, testar, pensar os trabalhos em processo com o acompanhamento dos professores, participar de inúmeras pesquisas e/ou ações de extensão e, aos poucos, ir consolidando seus interesses e práticas artísticas. Eu e o professor Daniel Hora organizamos a Plataforma de Curadoria que engloba nossos

projetos de extensão e pesquisa realizados na Ufes. O site do projeto promove discussões sobre múltiplas práticas curatoriais, história das exposições e sistema da arte. Realizamos exposições, vídeos, conversas, entrevistas, textos e relatos sobre essa temática a partir de eventos que acontecem na Ufes e na região metropolitana de Vitória. Compartilhando os conteúdos de nossas pesquisas e ações, buscamos contribuir para a ampliação das discussões sobre o tema da curadoria para além do espaço da universidade.

**Qual o potencial de visibilização da arte capixaba a partir de iniciativas locais...**

As galerias da Ufes - Gap e Gaeu - recebem muitas visitas mediadas de escolas públicas. Muitas vezes, é nessas visitas que crianças e adolescentes têm o seu primeiro contato com uma exposição de arte. A Gaeu também tem uma política de produção de material educativo para distribuição gratuita para professores, potencializando a visibilidade e a elaboração de atividades mesmo para quem não possa visitar a Galeria. Já a Galeria de Arte e Pesquisa (GAP) da Ufes rea-

liza uma exposição anual com os trabalhos dos formandos, a Graduates. Na exposição do final de 2019, a equipe da Plataforma de Curadoria produziu textos sobre as obras, texto curatorial e pensou a expografia. A partir desse material, conseguimos produzir um catálogo digital publicado pela Edufes que dá visibilidade tanto para os jovens artistas, quanto para os curadores. Quem se interessar, pode procurar pelo e-book Limiares Labirínticos: Graduates 2019 no site da Edufes.

**Algum projeto em curso?**

Para relatar um projeto atual, tenho trabalhado com o artista Bruno Zorzal, a educadora Karenn Amorim e com o produtor e designer, Felipe Gomes em um núcleo de criação em artes visuais. Partimos de um acontecimento histórico do Espírito Santo - a Batalha do Cricaré -, mas que praticamente não tem documentação e poucas pessoas sabem do fato. Desse modo, a proposta artística e curatorial que estamos desenvolvendo se constrói por meio do questionamento do "arquivo que falta". Estamos em processo, elaborando fabulações sobre essas questões.



Tese de doutorado de Ananda virou livro a ser lançado em agosto